João Gilberto Noll, leitor de Clarice Lispector

João Gilberto Noll, a reader of Clarice Lispector

Luiz Gonzaga Marchezan
UNESP – Araraquara

PALAVRAS-CHAVE: CONTO, MITO, MICROCONTO.
KEYWORDS: SHORT STORY, MYTH, MICROFICION.

Narrar é sequenciar e combinar. Uma narrativa não tem tamanho preciso; ela é finita, dá-se entre duas sequências assentadas entre um antes e um depois, momentos em que lemos, num texto, um evento narrativo. A manifestação de um texto literário, dessa maneira, movimenta, no seu interior, uma oposição de sentidos que encerra, entre duas situações temporais, dois momentos correlatos, duas forças da narrativa, dois actantes que nos possibilitam a leitura de uma história: ações delineadas no tempo envolvidas com papéis distintos assumidos por uma ou mais personagens.

A enunciação narrativa ordena e desordena o discurso narrado; trata-se de uma manifestação que compreende um embate entre as forças opostas de uma narrativa em elaboração, atuantes no desenvolvimento da ação que resultará na própria solução imaginária desenvolvida para a história narrada.

O microconto de Noll que analisamos conta com 129 palavras e, desse modo, sintagmaticamente, nele alguém fala diante de outro que ouve, o mesmo que, em dado momento, afasta-se do primeiro e se refugia num zoológico. Do ponto de vista paradigmático, as sequências acima mencionadas combinam uma situação em que aquele que ouve ressente-se da fala resolvida de quem o julga e, diante disso, envergonhado, ressen-

Recebido 17|09|2014 • Aceite 23|10|2014

tido, abandona o local do encontro. Temos, assim, um acontecimento literário narrado, um evento narrativo - a história de um ressentimento, independentemente do tamanho da narrativa assentada pelo texto. Um evento, para André Jolles (1976a, p. 99), "[...] é aquilo que advém, que sobrevém, que intervém. *Evenire* tem a mesma raiz que (*ad*) *venire* e cumpre lembrar este parentesco quanto se fala em *evento*". Diante da reflexão de Jolles acerca da etimologia da palavra evento, queremos observar que *Afã*[1], abaixo, em suas últimas linhas por nós sublinhadas, também conta com a intervenção de um conto de Clarice Lispector, *O búfalo*, constituindo-se, assim, num hipotexto.

São Paulo, segunda-feira, 06 de agosto de 2001 FOLHA DE S.PAULO ilustrada

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

RELÂMPAGOS

Afã

JOÃO GILBERTO NOLL

"Sou primo daquele ali." Ela disse que não se parecia comigo. "É mais bonito, anda com mais ginga..." Segurei seu braço e a beijei pra ela saber quem era de fato o modelo de sua descrição. Ao me afastar vi que eu beijava qualquer coisa de perecível, não bem um corpo, de pele apenas um matiz rosado que logo vi ser transparente, deixando minha mão passar por sua aparição, se aparição pudesse chamar aquele engodo que me fazia suspirar, mais nada. Um ônibus passava, fiz sinal tardio e perfurei com o olhar as minhas botinas, surpreendendo uns pés envergonhados. Eu ia agora ao zoológico, para sacudir com energia as grades e ouvir urros em resposta! Os vigias então deixavam de rondar, sentavam, como se seguindo apenas suas ondas cerebrais...

A narrativa de Noll, a partir do resultado de um beijo, instala dois papéis distintos vividos entre três personagens, no caso, uma mais forte e competente que a outra, diante da terceira ausente, o que nos coloca o embate entre a fortaleza de uma diante da fraqueza da outra depois de um beijo; desse modo, uma delas mostra-se corajosa no que diz, resoluta, e a outra, hesitante, envergonhada, ressentida.

As sequências narrativas de *Afã* são dominadas pelos valores – afeto e desafeto, motivos que animam a história, construindo, ao mesmo tempo, traços distintivos que nos

[1] Noll, João Gilberto. Disponível em:< www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0608200110.htm>.

permitem, ao lê-la, interpretá-la no seu sentido, diante do que sentem suas personagens no curso de uma profusão de sensações disseminadas pela curta narrativa.

A organização de uma narrativa, do ponto de vista da enunciação, revela-nos o saber figurativo do enunciador. *Afã,* ao lado de outros 337 contos[2] ultracurtos de João Gilberto Noll, compuseram um projeto da *Folha de S. Paulo*, na Ilustrada, promovido para alguns autores da literatura brasileira, a fim de que realizassem contos ultracurtos, de até 170 palavras, dispostos para uma coluna pequena, nomeada, pela *Folha*, Relâmpagos, ao lado de outra, de horóscopo, de velho conhecimento do leitor do jornal. João Gilberto Noll participou dessa atividade entre agosto de 1998 a outubro de 2001, comentando, na ocasião, com a repórter da *Folha*, Patrícia Décia (1998, p. 1): "[...] quanto mais leitores tocando no tecido do texto, mais prazeroso e completo é o ato literário[...]"[3], uma vez, convenhamos, que teria a possibilidade de apresentar sua ficção aos leitores de um jornal diário de maior circulação nacional.

Entendemos que João Gilberto Noll, ao utilizar-se de um jornal para estabelecer a construção do espaço ficcional do seu microconto, quis, mais uma vez, expor ao seu leitor sua vontade grande em aproximar-se da linguagem para narrar. O autor, inclusive, optou, há muito, em suas palestras, por teatralizar o processo criativo das suas personagens; assim, como um ator, assume, com sua voz, para um auditório, a condição existencial de sua personagem, seu querer, no volume de tal desejo, diante do público. Dessa maneira, suas palestras resultam de falas das personagens compostas por ele e que redundam em conferências, seguidas, ao término das sessões, de conversas com a platéia acerca das situações declamadas. As conferências de João Gilberto Noll são dramatizações de partes de papéis de suas recém-criadas personagens. Tal atitude, observada do ponto de vista da retórica da argumentação, dá-nos a presença física do orador e autor, narrador, tudo ao mesmo tempo, expondo, com competência literária, um dado caráter, mediado por valores oriundos do conjunto da sua obra, ordenado logicamente por um discurso a fim de convencer e comover seu auditório com os dramas de existir de sua ficção. Desse modo, a ação onipresente do autor invade, com presença física, uma cena de ficção, com os papéis do seu narrador e personagens, vivenciando com o público leitor o narrado.

---

[2] O autor, em 2003, reuniu os 338 contos em edição pela Editora Francis, num livro intitulado *Mínimos, múltiplos, comuns*, que recebeu o Prêmio Jabuti de melhor capa e o segundo lugar para livro de contos, além do Prêmio ABL de Ficção 2004.

[3] Décia, Patrícia (1998). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq24089814.htm>.

A narrativa da forma literária do conto, por seu turno, traz alguns andamentos das narrativas orais; vários motivos seus comparam-se aos de mitos e ritos, de culturas simples[4]. As análises da vida social das sociedades simples, no interior de seus ritos, fazem-nos perceber que os contos míticos trazem motivos da sua existência. Os contos míticos remontam, nas condições da oralidade das sociedades simples, seu condicionamento cultural, derivado da vida material; além do que, os episódios do encadeamento da narrativa do mito coincidem com as sequências de um enredo literário, de um texto literário. Houve, segundo Propp, uma longa convivência entre ritual e narrativa; a participação do narrador, no conto maravilhoso, para Propp (2002, p. 442), é "de entrega", visceral, como de uma atitude de parte de sua vida; mais, ainda segundo o estudioso; para o narrador de um conto mágico: "A narrativa é uma espécie de amuleto verbal, um recurso de ação mágica sobre o mundo ao redor" (Propp, 2002, p. 442). Tal condição da narrativa, lembrada por Propp, não nos parece distante do enlevo das narrativas de João Gilberto Noll, nem da performance do autor em suas conferências.

As partes constituintes do conto maravilhoso, conforme lemos nas considerações de Propp, homologam outros enredos dos contos literários das sociedades complexas; comportam-se como invariantes, repetem-se em outras versões; incorporam elementos novos de uma nova realidade. A descrição da separação entre mito e conto moderno faz-se com certa dificuldade analítica. O mito, como o conto literário, demonstra-nos que possui narrativa breve, uma unidade de composição contrastiva, uma transfiguração, uma revelação anunciada; ao lado disso, tece paralelos, ao seu modo, em suas mensagens narrativas, com analogias entre as naturezas humana, natural e animal, tal como procedem as narrativas literárias.

O assunto do mito prende-se ao regime tribal, à transfiguração do mito, no ritual, no âmbito de uma dada mitologia, em que transparece, no pensamento primordial encenado, sua função reguladora da vida tribal, por meio de uma narrativa, por isso, movimentada em direção de efeitos trágicos, éticos, de justiça. A narrativa do conto moderno traz a mesma idéia de composição da história de um acontecimento, no entanto, utiliza-se do excedente linguístico da metalinguagem literária para a construção do sentido, momento em que se distancia o universo mítico do literário.

João Gilberto Noll, como vimos, inicialmente, realiza-se como autor e ator da enunciação do próprio texto, destinador e destinatário da ficção que escreve e leitor de sua obra.

---

[4] Distinguimos aqui a cultura simples da complexa dada a presença, na segunda, da industrialização.

Ao palestrar, promove um número representado com o cenário reduzido de um conto. O conto, etimologicamente, aferra-se à idéia de contar, computar; faz-se num cômputo, num número justo e breve encenado. O conto, no caso, para João Gilberto Noll, faz-se num número conferido, como aquele representado, em parte da sua equação, como numa atitude de entrega, enquanto o autor palestra.

Uma narrativa, como dissemos, não tem tamanho especificado; uma narrativa passa pelo cálculo do narrar de uma da história. O conto é tido, entre as três formas literárias da prosa de ficção mais realizadas, como a mais curta.

O querer e o fazer de uma personagem estão nas necessidades mínimas de uma narrativa, exatamente o que, ao nosso juízo, João Gilberto Noll expõe em suas palestras, representando-as como de suas personagens, ouvindo-as, como leitor e, como autor-orador-narrador, revelando-as por meio de leituras dramáticas para o seu público, uma vez constituídas segundo simulacros figurativos de pessoas.

Ao lado disso, Noll, como muitos dos ficcionistas contemporâneos, anuncia-nos, ao eleborar como escreve, os textos que lê; alterando-os na sua hierarquia de valores, a fim de realizar uma escritura sobre a outra, a citada, numa réplica dialógica.

João Gilberto Noll, em entrevista concedida para Ramon Mello (2010), no *Saraiva conteúdo*[5]**,** declara-se leitor e admirador do processo ficcional de Clarice Lispector; diz que *A paixão segundo GH* despertou-o para a ficção, além de destacar da autora, como de sua preferência, dada a peripécia narrada, o conto *Amor*, de *Laços de família*. Nada comenta da última narrativa do mesmo livro da autora, *O búfalo*, que o ficcionista, num gesto solitário, relê, citando-o em *Afã.*

A paixão segundo GH, de 1964, e O *búfalo*, de 1960, trazem, em certa altura, uma mesma constatação por parte do vivido pelas protagonistas, em que, a do romance, indaga: "Terá sido o amor que vi?" (Lispector, 1998, p. 11); enquanto que a do conto constata: "Mas isso é amor, é amor de novo" (Lispector, 1998, p. 126). Em 1968, no ambiente que descreve para o romance - *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Clarice Lispector (1998, p. 116) retomará as mesmas indagações acima, em estação de primavera, semelhantes às ocorrentes no conto *O búfalo*: "A primeira calidez fresca da primavera ... mas aquilo era amor!". Clarice Lispector, na época, também promove, do interior da sua atividade

[5] Mello, Ramon. Disponível em: <www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/1040>.

jornalística, as mesmas reflexões acerca do amor, momento em que retoma seus próprios motivos literários fundadores[6].

Amor, publicação de *Laços de família* em 1960, saíra em volume anterior de Clarice – *Alguns contos*, de 1952. Ele traz a questão amorosa como resultado do amor vivido, experimentado, ao lado de um revés às expectativas amorosas da protagonista, Ana, que se vê encapsulada pela sua dedicação à vida amorosa, devotada ao marido, filhos, parentes, e sem liberdade individual. Ana dedica-se de corpo e alma à causa amorosa, sufocando-se com tal dedicação, vendo-se, de repente, excessivamente piedosa como mãe e esposa. O corpo acusa-lhe tal indisposição da alma, algo que ela não imaginava ter que experimentar. A história do conto trata exatamente de tal experimentação, nos moldes das revelações clariceanas e ao gosto de João Gilberto Noll, admirador do conto. Na entrevista concedida para Ramon Mello, o autor elogia no conto o modo como a autora realiza a guinada da narrativa por meio de uma "fratura" na "relação de causa e efeito" (Mello, 2010), no caso, no momento em que, do bonde, Ana observa um cego mascando chicletes e, imediatamente, depara-se com uma crise seguida de náusea. São os tais momentos de anomalias no fluxo da narrativa de Clarice, instantes em que a autora teatraliza conjunções impossíveis entre personagens e que João Gilberto Noll, leitor e admirador seu, promove, com pequena diferença, em *Afã*, para nós, citando também outro conto da autora que, silenciosamente, mostra-se admirar: *O búfalo*.

O universo das personagens de Clarice Lispector é anômalo; sua exposição, para isso, como dissemos, teatraliza conjunções impossíveis, que lemos na composição de oposições responsáveis por fissuras em condutas das personagens: propensas à hesitação, jamais conseguem precisar o que sentem; inábeis, angustiadas, experimentam a dor no aguardo de uma revelação, levando-as, na maioria das vezes ao devaneio, a uma profusão de sensações e à vertigem. As personagens clariceanas sentem a necessidade de um aprendizado para existir e, ao mesmo tempo, sentem-se insuportavelmente limitadas diante das coisas do mundo. Elas desejam o amor, no entanto, perdem-se no ciúme e no ódio diante do propósito e da demanda da manifestação amorosa: querem o desejo amoroso, querem ser desejadas; fazem juras de amor e soçobram ora na angústia, porta de entrada do território amoroso, ora na dor, porta de saída, sem, no entanto, realizarem-se na vida amorosa.

---

[6] Há que se observar, no mesmo ano de 1968, que Clarice Lispector inicia, como jornalista da revista *Manchete*, uma coluna de entrevistas. O primeiro entrevistado foi Nelson Rodrigues, para quem pergunta: "O que é o amor, Nelson?" (Lispector, 2012, p. 171).

Tal é a composição das conjunções impossíveis das situações amorosas como no caso do conto *O búfalo*, que dialoga com *Afã*, microconto de Noll.

Clarice Lispector, em *Laços de família*, de 1960, lidou, em todos os contos do volume, com a condição amorosa mediante as anomalias encenadas pelo seu processo ficcional. O último conto do livro, *O búfalo*, faz-se no mais intrigante, em que lemos numa situação instalada num zoológico: a ternura trocada entre seus animais no curso do acasalamento em plena primavera, ao lado da raiva que toma os ânimos da protagonista.

Os animais encontram-se enjaulados, aprisionados, no entanto, ternamente, acasalam-se. A protagonista, que caminha solta pelo zôo, anda pela montanha russa, procura, com ódio, por uma paixão amorosa; deseja seu par, o que a incomoda, fazendo-a sentir-se aprisionada na sua angústia. A força bruta, instintiva, dos animais, em repouso, dado o acasalamento, contrasta com o exagero da força da tensão amorosa vivida pela personagem; para ela o amor aprisiona, o desejo traz excessos, exageros.

Dão-se, assim, por analogia, de forma ilustrada, as anomalias vividas pelas personagens clariceanas. No caso de *O búfalo*, pelo sucessivo desvelamento de um estado emocional, raivoso, da sua personagem, em sucessivos estados de alma coléricos, no curso de sua visita ao zoológico, em paralelo aos comportamentos dos animais, pacíficos e carinhosos enquanto se acasalam.

João Gilberto Noll é leitor das tragédias pessoais narradas por Clarice Lispector em cenários de desesperos. Os desesperos surgem da incapacidade das personagens suas, diante da exigência amorosa, sofrerem desilusões, perdas e conseguirem dar sentido à existência, conseguirem dar continuidade ao drama de existir. Há, entre os dois ficcionistas, como se vê, uma fixação por um único tipo de personagem que deve incorporar o amor enfrentando seus condicionamentos nos seus mistérios. Tal personagem não renuncia à tal vontade, para ele, também, a própria vontade de existir.

Voltemo-nos para as características estruturantes da comparação entre os processos ficcionais de Clarice e Noll. Corpos e olhos fazem-se nos depositários dessa situação narrada por Clarice e Noll; aproximam e afastam os amantes nos contos *O búfalo* e *Afã,* circunstâncias em que as personagens, nas duas narrativas, questionam-se diante de seus pares. No conto de Clarice, sua protagonista encara o búfalo na ausência do ex-amado. *Afã* traz um embate amoroso entre duas das suas personagens em relação à terceira, ausente, objeto do desejo de uma e despeito da outra; no término do embate, os olhos da personagem derrotada mostram-se também abatidos. Fiquemos, agora, mais uma vez, com as ocorrências das anomalias que transpassam as narrativas de Clarice e de Noll.

Entre os autores, uma anomalia leva a um desenlace. Em *Amor,* de Clarice, admirado por Noll, a presença repentina de um cego, observada por Ana, evoca sua união com o marido, filhos e família; avistar um búfalo, em conto de título semelhante, resgata o ressentimento da união desfeita entre a protagonista e seu par; em *Afã*, uma terceira personagem, ausente, um parente distante, fisicamente mais atraente, na avaliação de uma mulher, faz páreo com um primo na conquista de um mesmo par amoroso. Assim, para tais enlevos das narrativas, os olhos das personagens constituem-se no portal de acesso para uma gama de sensações que instalam os desenlaces das histórias.

Nas situações comentadas, lemos, no conto modelar para o leitor de Clarice que Ana, a protagonista, por um dado momento, sente-se desaparecer diante dos outros que ama; sente-se invisível, desprezível, vazia; sente-se aniquilada pelo amor doado para as pessoas que ama, no momento exato em que avista, na rua, parado num ponto de bonde, um cego mascando chicletes. A narrativa, desse modo, associa um instante em que a protagonista observa-se imersa numa realidade sensível, sentindo-se inútil, após o exato espaço de tempo em que enxerga um cego.

Os olhos, porteiros da alma, enxergam, plasticamente, para o martírio das personagens clariceanas e de João Gilberto Noll, as cenas que enquadram o desfecho do seu fracasso. Ana, em *Amor,* com vertigem e já no interior do Jardim Botânico, enxerga a vegetação fora de foco, numa situação análoga ao modo como percebe sua interioridade. Em *O búfalo*, sua protagonista vê-se sozinha diante de crianças, adultos e animais; nota como sua mente, a certa altura, encontra-se devassada como sua bolsa no chão, aberta e com os pertences esparramados; noutro momento de total descontrole, no episódio final do conto, vê-se encarando com fúria o búfalo, tendo-o como um duplo do seu par e instante de sua vertigem. Em *Afã*, os olhos do protagonista, como ele, são tímidos e envergonhados; a personagem não soube, num ponto de ônibus, solicitar, com ênfase, sua parada, assim como envergonhou-se ao encarar os próprios pés, vendo-os, como ele, tímidos.

Os mistérios narrados na ficção de Clarice Lispector e de João Gilberto Noll encontram-se, no caso, no mesmo motivo literário, no mistério do amor, no perigo da convivência amorosa. As personagens de Clarice, entre os contos analisados, não renunciam à vontade de enfrentar as experiências amorosas; o protagonista de Noll, no caso, desiste de disputá-lo, sem sinais de prostração, aniquilamento físico.

O corpo, por sua vez, para ambos os autores, faz-se na plataforma do impulso para o impasse ou superação dos mistérios: daí, as situações de impotência, o martírio das personagens, seu ódio, querer ou não condenar o outro, tudo, suportado pelo corpo.

Clarice e Noll, diante das experiências amorosas das suas personagens, expõem suas dificuldades com o desejo amoroso, fracassos, ódios e desagrados, vergonhas e ressentimentos. Desse modo, ambos narram cenas de ódio e martírio; em ambos temos a experimentação, a incorporação do ódio, do amor como tormentos da vontade, do desejo.

Clarice, em *O búfalo*, lida com tais conjunções impossíveis por meio da expansão da sua narrativa, em situações de equivalência, como lemos, entre analogias mediadas pelas naturezas humana e animal, em cenas no interior de um zoológico. Desse modo, ambos narram cenas de ódio, martírio, de dificuldades com o desejo amoroso; em ambos temos a experimentação, a incorporação, no fluxo da vontade, do desejo, no curso de revelações. Dessa maneira, temos, no hipotexto de Noll, uma passagem do conto *O búfalo* – a de uma mulher colérica sacudindo as barras de uma jaula, com quatro ocorrências na narrativa de Clarice, contra uma única passagem, análoga, no microconto de Noll. Em *O búfalo*, uma mulher livre sente-se como uma fera enjaulada; no conto *Afã*, um homem livre procurará desabafo diante das grades e de uma fera num zoológico. Tal paralelismo, no microconto de Noll, promove uma saída, um desenlace para a narrativa, uma revelação: o "engodo" com o qual deparou-se o protagonista. João Gilberto Noll, leitor de Clarice Lispector, apropriou-se, para seu hipotexto, de uma ênfase, uma redundância, trabalhada por Clarice em *O búfalo*; utilizou-se, em seu microconto, dos excessos do conto de sua autora preferida.

Em *Afã*, o narrador e protagonista, como o conferencista, são onipresentes, observam e atuam no que encenam. Dessa maneira, a narrativa busca motivos crescentes, por meio, mesmo nos limites de um microconto, de situações diferentes, com diferentes significados. Estes diferentes significados, como o trecho citado de autoria de Clarice Lispector, intensificam a mensagem narrativa, além de constituírem o fecho da história.

Assim, o motivo literário do conto de Clarice, citado por Noll, diferentemente do modo como se deu, de forma expandida, em *O búfalo*, aconteceu, em *Afã,* a partir de um curto diálogo seguido de solilóquio. A atração e a repulsa entre as personagens, diferentemente das ocorrências nas cenas dilatadas de Clarice Lispector, dão-se rapidamente pela palavra incorporada nas atitudes das personagens de *Afã*. Há, portanto, diante disso, atração física entre as personagens de João Gilberto Noll, em que a figura do corpo mostra-se falante, como o lugar de resistência do sujeito, instante de defesa de sua emoção, em que move seu espírito para situações diversas. O corpo, na ficção de Noll, constitui-se numa macrofigura – a figura maior que se envolve com um conjunto de situações que motivam a narrativa; associa-se com outros motivos combinados que dão apoio temático ao microconto e estabelece, no caso, o voyerismo entre amantes, sua itinerância, enfrentamento e, depois do beijo, o afastamento entre eles.

O modo como Noll compõe sua narrativa entrelaça situações que envolvem a natureza humana e salienta a figura de um homem transtornado por uma rejeição; quis o autor, assim, trabalhar com tragédias pessoais, desesperos; com personagens em trânsito e que traduzem, por conseguinte, um corpo com ânimo. Diante disso, o autor procura a forma, pela palavra, de gerar o drama – o drama humano da incapacidade do homem em dar um sentido mais efetivo à existência e, assim, teatralizar, com gestos verbais, no cenário reduzido de um microconto, movimentos entre o homem e o mundo, onde o corpo é lugar do impulso biológico.

Lemos, até, nas atitudes literárias de João Gilberto Noll, traços de um novo realismo, ao lado de novo naturalismo. O naturalismo está na transcrição de uma realidade imediata, no imediatismo, no instintivo, na determinação do imediatismo, que propicia o aparecimento, no texto em questão, por exemplo, da deterioração afetiva. A realidade, assim, às vezes, é sonho, nonsense, visões; torna-se o objeto misterioso da ficção. O novo realismo naturalista de Noll realiza-se, parece-nos, com o objetivo de vasculhar o obscuro.

Desse modo, acreditamos, João Gilberto Noll expõe o seu saber figurativo: diz admirar a riqueza expressiva da linguagem de Clarice Lispector e, de forma confessa, horaciana, exercita a emulação, dando uma direção para o seu processo criativo voltado para o inventado por Clarice. Noll, já como conferencista, mostra-se interessado em explorar, retoricamente, a eloquência do discurso literário, por meio de uma composição afinada para despertar as emoções do ouvinte/leitor. Para o ficcionista gaúcho, dessa maneira, narrar de uma maneira conhecida vai ao encontro do conhecimento do ouvinte/leitor. João Gilberto Noll não sente a angústia da influência: mostra-se, assim, tanto um leitor como escritor de narrativas fortes, autor de uma linguagem própria, que se apropria da originalidade dos conteúdos de uma autora exemplar, modelar, realizando uma escritura sobre a outra, recolocando os textos da tradição literária, mostrando-se contemporâneo de seus contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Decia, P. (1998, 24 de Agosto). João Gilberto Noll estréia hoje coluna "Relâmpagos". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Ilustrada, Coluna Literatura, 1.

Jolles, A. (1976). Mito. *Formas simples* (pp. 83-108). São Paulo: Editora Cultrix.

Jolles, A. (1976). A legenda. *Formas simples* (pp. 30-59). São Paulo: Editora Cultrix.

Lispector, C. (1998). *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco.

Lispector, C. (1998). *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco.

Lispector, C. (2012). *Clarice na cabeceira*. Jornalismo (pp. 169-172). Rio de Janeiro: Rocco.

Mello, R. (2010). Saraiva conteúdo. Disponível: <www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/1040>.
Noll, J. G. (2001, 6 de agosto). *Afã*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Ilustrada, Coluna Relâmpagos, 8.
Propp, V. (2002). *As raízes históricas do conto maravilhoso*. São Paulo: Martins Fontes.

RESUMO

João Gilberto Noll, em *Afã*, microconto com 129 palavras, cita uma passagem do conto *O búfalo*, de Clarice Lispector. Estudamos, neste artigo, a forma daquela micronarrativa e o modo como João Gilberto Noll mostra-se leitor de Clarice Lispector.

ABSTRACT

João Gilberto Noll, in *Afã*, a 129-word microfiction, mentions an episode of the short story *O buffalo*, by Clarice Lispector. We studied, in this article, the structure of that micro narrative and the way how João Gilberto Noll reveals himself as being a Clarice Lispector's reader.